

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 225/2012

## O MONGE

O título do filme é este. E lá vou eu novamente falar de cinema.

Falar de um filme que está em cartaz, que merece ser visto, e que se parece muito com um livro de Umberto Eco: uma trama intrincada e bem urdida, passada num convento espanhol nos tempos finais da Idade Média. O livro inspirador, entretanto, é de um inglês do início dos mil e oitocentos, Mathew Lewis.

O filme pergunta: o diabo existe objetivamente ou é uma criação da nossa mente, um fantasma que brota da própria alma humana? O filme não responde claramente, deixa entrever, quase sugere que sim, que existe, mas confunde a visão no final e oferece a dúvida ao espectador.

Esse tempo milenar e desorganizado da vida humana no Ocidente, que foi a Idade Média, extremamente instável em termos políticos, transcorrido na brutalidade das guerras de disputas territoriais entre exércitos particulares de senhores feudais, foi pontilhado de pequenas ilhas de estabilidade e espiritualidade que eram os mosteiros. Ali se produziam e guardavam as cópias dos textos da antiguidade e dos livros sagrados, e se desenvolvia o pensamento reservado ao pequeno grupo que detinha o conhecimento. Inicialmente formados como centros de isolamento e retiro espiritual de religiosos, tais como os pioneiros mosteiros bizantinos, transformaram-se em centros de concentração do saber da época, que deram origem primeiramente às escolas monásticas e, no século XIII, ao aproximar-se o fim do período, foram superados pelas universidades que se instalaram nas cidades em ressurgimento, após tantos séculos de vida eminentemente rural.

No mosteiro guardava-se conhecimento mas guardava-se também silêncio e segredo. Silêncio e segredo naturalmente geram mistério, e a vida nos mosteiros era misteriosa; daí a excitação que causam os relatos relativos àquelas comunidades de homens fechadas ao público. Naturalmente, aquela convivência intensa, duradoura, disciplinada e anticomunicativa gerava tensões e sentimentos exacerbados e pungentes entre aqueles seres humanos, que facilmente deviam descambar para excessos de excitação e insensatez, como para a sofreguidão na busca de apaziguamento. A questão do bem e do mal, do pecado e do perdão, da tentação e do demônio como encarnação do mal tinha de ser dominante nessas vidas. E obviamente, na reclusão, o demônio se manifestava sempre na força irreprimível do sexo. Entre homens, o demônio tinha que ser a mulher. Que histórias fascinantes se podem criar nesses ambientes.

Essas questões relativas ao pecado e à salvação foram dominantes em toda a Idade Média, mesmo fora dos conventos, e perduraram como questões fundamentais até a primeira metade do século passado. Menino, eu bem senti o peso delas. O iluminismo do sec XVIII foi fortemente anticlerical e reduziu muito a importância da Igreja Católica, já bastante atingida pela Reforma Protestante dois séculos antes; mas a religiosidade, o fervor religioso do cristianismo só foi devastado pela ciência no século XX, do meio para o fim. Falo do Ocidente; o Islã, ao que parece, continua em ascensão e a incompreensão deste fato pelos ocidentais produz conflitos graves, derivados de comportamentos desrespeitosos aos valores religiosos do Oriente Médio.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br  
www.saturninobraga.com.br

# CORREIO SATURNINO

---

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 225/2012

Entre parênteses, as projeções de crescimento das populações religiosas na Europa indicam que, bem antes do fim do século, aquele velho continente será majoritariamente muçulmano. Não dá para imaginar o que vai resultar disso.

Fecho os parênteses para exclamar: que revolução, esta da religião, que a minha geração viveu! Além da outra, paralela e correlata, da liberação da mulher. Que revolução! Talvez o interesse de filmes como este de que estou falando venha do inconsciente de pessoas da minha idade que, meninos, cuidavam tanto de fugir do pecado, sentiam nos grandes o temor do pecado. Talvez. Mas o filme é bom, independentemente disso e da fidelidade ao conteúdo do livro, que não conheço. Vale a pena. Parabéns ao diretor Domink Moll.

---

Roberto Saturnino Braga

Contatos: [saturnino.braga@uol.com.br](mailto:saturnino.braga@uol.com.br)  
[www.saturninobraga.com.br](http://www.saturninobraga.com.br)